

## NOVAS DESCOBERTAS ACERCA DA CAPTURA INTENCIONAL DO TUBARÃO-PEREGRINO *Cetorhinus maximus* (GUNNERUS, 1765) (LAMNIFORMES, CETORHINIDAE) NA COSTA DE SANTA CATARINA

Soto<sup>1</sup>, J.M.R.; Mincarone<sup>2</sup>, M.M.; Colasso<sup>3</sup>, G.G.

<sup>1</sup>Chefe da Seção de Museus (ProPPEC-UNIVALI), Rua Uruguai, 458, Itajaí, SC, 88302-202, soto@univali.br; <sup>2</sup>Oceanógrafo do Museu Oceanográfico Univali (ProPPEC-UNIVALI), Rua Uruguai, 458, Itajaí, SC, 88302-202, mincarone@univali.br; <sup>3</sup>Bolsista do Museu Oceanográfico Univali (ProPPEC-UNIVALI), Rua Uruguai, 458, Itajaí, SC, 88302-202, colasso@univali.br

### ABSTRACT

The captures of basking shark in the southern Brazil are considered rare, however they were more common than reported in the literature. This work presents some unknown aspects on the intentional fishing and the use of the species in the coast of Santa Catarina.

Palavras chave: condríctes, elasmobrânquios, seláqueos.

### INTRODUÇÃO

O tubarão-peregrino - *Cetorhinus maximus* (Gunnerus, 1765) - é o segundo maior peixe conhecido, podendo atingir 7,5t e 10m de comprimento total em casos excepcionais. É circunglobal de águas frias e temperadas, ocorrendo duas populações no hemisfério norte (Pacífico e Atlântico) e outra no hemisfério sul, muito provavelmente separadas pelas águas quentes superficiais do trópico. No Atlântico Sul ocidental a espécie foi registrada do Rio de Janeiro à Terra do Fogo, incluindo o Arquipélago das Malvinas, contudo nunca foi considerada abundante nesta porção do Atlântico. Planctófaga filtradora, a espécie possui uma taxa reprodutiva relativamente baixa e atualmente é protegida ou com pesca regulamentada em diversos países, incluindo o Brasil (SICCARDI, 1960; COMPAGNO, 2001; SOTO, 2001). Os relatos históricos de capturas associados ao crescente interesse na preservação da espécie em nível mundial, justificaram uma busca de informações sobre a interação com a espécie no sul do Brasil, o que resultou em dados inéditos considerados fundamentais para avaliações futuras quanto a presença da espécie principalmente no Estado de Santa Catarina.

### MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho é considerado complementar a SOTO (2000) e foi efetuado com base em entrevistas ocasionais junto às colônias de pesca entre Passo de Torres e Itajaí, no Estado de Santa Catarina, excetuando a Ilha de Santa Catarina, já tratada no trabalho supra citado. As entrevistas envolviam três aspectos fundamentados nos seguintes tópicos: histórico pessoal do entrevistado junto à pesca e a região; descrição aceitável (diagnóstica) da espécie em tema; e o resgate propriamente dito das informações referentes à captura de *C. maximus* na região. Considerando que os espécimes mencionados não foram analisados pelos autores, as medidas (somente o comprimento total) tornaram-se bastante estimadas, visto que os entrevistados associam os espécimes capturados mais ao peso do rendimento do que ao comprimento total. Devido o trabalho estar baseado no resgate dos testemunhos, se objetivou mais os métodos empregados pelos pescadores e a utilização das carcaças do que os registros dos espécimes.

### RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa trouxe uma série de informações inéditas quanto à captura e aproveitamento de *C. maximus* na costa de Santa Catarina. Ao entrevistar membros da família Pittigliani (Imbituba, SC), os quais mantiveram uma estrutura de caça à baleia franca (*Eubalaena australis*) até a década de 1970, foi reportado que tubarões peregrinos também foram esporadicamente capturados com os mesmos meios utilizados na caça às baleias, no caso o arpão manual em baleeira. Pescadores, ex-funcionários dos mesmos, também confirmaram a informação, apontando pelo menos quatro exemplares, entre 5 e 6 metros, capturados na década de 1960, destacando os anos de 1965 e 1966. Também frisaram que “o peixe brigava pouco” e que “não afundava nem flutuava”, sendo fácil de rebocar até a praia. Os movimentos e nado lentos, associado ao fato de serem considerados “desdentados” e de nunca terem observado espécimes pequenos, valeu-lhes o nome de cação-velhaco na costa sul de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul. Destes espécimes foram

retirados o óleo e a carne, sendo que esta última era considerada de baixa qualidade, porém o óleo era superior ao de baleia e comercializado com uma empresa do Rio Grande do Sul. Esta era considerada uma pesca de final de inverno e primavera (agosto a outubro), o que em parte corrobora os dados compilados por SICCARDI (1960) na Argentina e SOTO (2000) no Brasil, com base em 4 e 10 registros, respectivamente (Tab. 1).

Outro relato digno de nota foi o explanado pelo “Seu Naro” (Carlos Adrião Pinheiro), um dos pescadores mais antigos da Península de Porto Belo, mais precisamente das praias do atual Município de Bombinhas, que relatou em detalhes as capturas de *C. maximus* ocorridas entre 1945 e 1963, quando o último espécime foi capturado na região, todos através de redes de emalhe de praia. O mesmo salientou a grande quantidade e qualidade do óleo obtido dos espécimes, o qual era vendido para a indústria de velas Farmaceti. Como podemos observar, assim como relatado por SOTO (2000) para a região de Pântano do Sul, sul da Ilha de Santa Catarina, também em Imbituba e Bombinhas houve uma pesca que declinou rapidamente, praticamente extinguindo a espécie na região. Esta vulnerabilidade pode ser confirmada através do grande hiato nos registros nos últimos anos, pois apesar do esforço de pesca ser cada vez maior, o registro de espécimes capturados é cada vez mais raro. O último exemplar reportado na literatura foi capturado em 1991, em Santa Catarina, sendo que neste espaço de tempo é conhecido apenas um espécime capturado em 2002, no Rio de Janeiro (Fig. 1), estado onde havia apenas dois registros prévios, em 1982 e 1983. A facilidade com que este espécime foi capturado, associada à proximidade com a praia (menos de 50m) e tipo comum da rede (Fig. 2), dá uma amostra da grande dificuldade para a conservação da espécie, onde uma simples proibição nominal pouco contribuirá.



Figura 1. Espécime de *Cetorhinus maximus* (4,6m CT), capturado com rede de emalhe a cerca de 50m da praia, em Itaipuaçu, Niterói, Rio de Janeiro. (Anônimo - MOVI 39166)



Figura 2. O mesmo espécime sendo retirado da rede já morto no início da manhã. (Foto de Julio Machado- MOVI 39166)

Tabela 1. Distribuição mensal dos registros de *Cetorhinus maximus* no Atlântico Sul ocidental, com base em SICCARDI (1960) e SOTO (2000).

| Meses          | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez | Total |
|----------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-------|
| Reg. Brasil    |     | 2   | 1   |     | 1   |     |     | 3   | 1   |     | 2   |     | 10    |
| Reg. Argentina |     |     |     |     |     | 1   |     |     |     | 3   |     |     | 4     |
| Total          |     | 2   | 1   |     | 1   | 1   |     | 3   | 1   | 3   | 2   |     | 14    |

## CONCLUSÕES

O fato de não haver uma sazonalidade definida dos registros, associado à falta de análises mais acuradas dos espécimes, torna especulativa qualquer conclusão quanto ao status de *C. maximus* na região. Concentrações localizadas da espécie já foram reportadas no Atlântico Norte, geralmente justificadas pela disponibilidade de alimento (MAXWELL, 1953; SIMS & MERRETT, 1997; SIMS & QUAYLE, 1998), o que até o momento não pode ser confirmado no Atlântico Sul ocidental. Por fim, a carência de dados, o limitado número de amostras coletadas, associados à raridade das capturas, nos faz concluir apenas que os relatos históricos indicam que havia um número reduzido de espécimes em locais específicos e que aparentemente foram dizimados por uma pesca direcionada e conseqüentemente efêmera, tornando *C. maximus* uma espécie bastante rara em todo o Atlântico Sul ocidental. É também importante salientar que os indícios sugeridos por SICCARDI (1960), de que esta população apresenta características morfológicas distintas das demais, até hoje não foram devidamente tratados, o que agrava ainda mais o status de conservação da população por então sugerir um isolamento genético.

## REFERÊNCIAS

- COMPAGNO, L. J. V. 2001. Sharks of the world. An annotated and illustrated catalogue of shark species known to date. Volume 2. Bullhead, mackerel and carpet sharks (Heterodontiformes, Lamniformes and Orectolobiformes). FAO Species Catalogue for Fishery Purposes. No. 1, Vol. 2. 269p.
- MAXWELL, G. 1953. Yo compré una isla. Aymá, Barcelona. 251p.
- SICCARDI, E. 1960. *Cetorhinus* en el Atlantico Sur (Elasmobranchii: Cetorhinidae). Rev. Mus. Arg. Cs. Nat. "Bernardino Rivadavia". C. Zool. 6(2): 61-101.
- SIMS, D. W.; FOX, A. M.; MERRETT, D. A. 1997. Basking shark occurrence off south-west England in relation to zooplankton abundance. Journal of Fish Biology 51: 436-440.
- SIMS, D. W.; QUAYLE, V. A. 1998. Selective foraging behaviour of basking sharks on zooplankton in a small-scale front. Nature 393(4): 460-464.
- SOTO, J. M. R. 2000. Sobre a presença do tubarão-peregrino, *Cetorhinus maximus* (Gunnerus, 1765) (Lamniformes, Cetorhinidae), em águas brasileiras. Biotemas 13(1): 73-88.
- SOTO, J. M. R. 2001. Annotated systematic checklist and bibliography of the coastal and oceanic fauna of Brazil. I. Sharks. Mare Magnum 1(1): 51-120.